



ESTRATÉGIAS DE DESENVOLVIMENTO COMPARADAS: UMA ANÁLISE DAS ECONOMIAS DO LESTE ASIÁTICO E DA AMÉRICA LATINA (1970-2017)

Lucas Traina Koga (PIC/UEM), Elisangela Araujo (Orientadora), e-mail:
elaraaujo@uem.br

Universidade Estadual de Maringá / Departamento de Economia / Maringá (PR)

Área e Subárea: Ciências Sociais Aplicadas. Economia.

Palavras-chave: Industrialização por substituição de importações. Modelos de crescimento puxado pelas exportações. Política Industrial.

Resumo

O Objetivo desse trabalho é analisar teórico-histórica e empiricamente as estratégias de desenvolvimento dos países do Leste Asiático e das economias latino-americanas no período que compreende os anos de 1970 até 2017. A partir de uma análise teórico-conceitual sobre as estratégias de desenvolvimento realiza-se uma discussão das políticas e instituições relevantes que foram adotadas e que resultaram no crescimento robusto e sustentado do Leste Asiático, de um lado e, de outro lado, na estagnação na América Latina. Dentre os principais resultados obtidos tem-se a constatação da implementação de políticas macroeconômicas que colocam o setor industrial e a inserção externa ativa como centro da estratégia de desenvolvimento no Leste Asiático, diferentemente da América Latina, que foi inábil na adoção de políticas e instituições requeridas para tal tarefa.

Introdução

A partir de 1968, no auge dos governos militares, o Brasil se consolidou como uma das economias que mais crescia economicamente, embalado pelas reformas institucionais, dentre as quais, as mudanças da legislação trabalhista, a reforma do sistema monetário e financeiro, que serviram de base para o crescimento vigoroso, particularmente, de 1968 a 1973, quando vivenciou o chamado “milagre econômico” e, de 1974-1979, quando continuou crescendo devido às políticas do segundo Plano Nacional de Desenvolvimento (II PND), que logrou alcançar a completude da matriz industrial doméstica.

Entretanto, a inflação e a dívida externa emergiram como graves problemas e inauguraram uma crise econômica nos anos 1980, impulsionada pelo segundo choque do petróleo e pelo aumento dos juros internacionais. O desequilíbrio interno e externo da economia brasileira levou a um longo período de instabilidade, com a completa a falência financeira do Estado e, na América Latina, ressalvadas as diferenças regionais, as trajetórias seguidas foram semelhantes à do Brasil.

Em virtude disso, a mudança de modelo foi inevitável nos anos 1990. A adoção de reformas liberalizantes e a adição de medidas de austeridades voltadas para a abertura e liberalização e desregulamentação das economias, todavia, não logrou o

retorno do crescimento à região, que permaneceu dentre as economias de menor dinamismo no cenário mundial.

Enquanto isso, os países do Leste Asiático que também viveram uma fase crescimento econômico durante a segunda metade do século XX, após a fase da política substitutiva de importações, se voltaram para a busca de estratégias de crescimento sustentadas, na maioria das vezes políticas não convencionais, para contornar seus graves problemas econômicos e sociais. Alguns desses países se tornaram grandes potências mundiais, como foi o caso Japão, da Coréia do Sul e da China.

As razões dessa diferença de trajetórias dos países do Leste Asiático e da América Latina pode ser explicada, em grande medida, pelas políticas macroeconômicas e industriais efetivamente implementadas. De fato, enquanto os países do Leste Asiático optaram por uma estratégia de crescimento “voltado para fora”, com forte incentivo às exportações de manufaturados, conseguindo aumentar simultaneamente a participação das exportações na economia mundial, nos países da América Latina, ocorreu justamente o oposto (JANK, 2005).

Segundo Palma (2004), os países do Leste Asiático se integraram ao mercado global por um meio de modelo econômico conhecido como “modelo dos gansos voadores”, isto é, uma espécie de divisão regional do trabalho na manufatura, com os países mais ricos, como o Japão, repassando as atividades que demandam menor custo de mão de obra para filiais instaladas nos países mais atrasados e levou vários países a um crescimento acelerado, razão pela qual esses países receberam a alcunha de “tigres asiáticos”, são eles: Cingapura, Hong Kong, Taiwan e Coréia do Sul. Alguns anos depois, com os “tigres” já ricos, outros países da região foram recebendo investimentos e também se tornando mais industrializados, formando um novo grupo de países com rápido crescimento e denominados de “novos tigres” ou “tigres de segunda geração”, a saber, Malásia, Tailândia, Indonésia e Filipinas.

Diante do exposto, o objetivo desse trabalho é analisar historicamente as estratégias de crescimento dos países do Leste Asiático e comparar com as economias latino-americanas, destacando as diferentes políticas adotadas e seus resultados em ambas as regiões. A partir de um arcabouço teórico e de uma contextualização histórica, finaliza-se a análise com a comparação dos principais indicadores econômicos regionais dessas economias.

Metodologia

Os procedimentos metodológicos da pesquisa envolvem três etapas: uma análise teórico-conceitual, uma investigação histórica e outra análise empírica. Na parte teórica, são apresentadas as teorias relevantes e revisão da literatura sobre o tema proposto. A segunda parte se dedica a uma contextualização histórica, a fim de analisar o processo de industrialização de alguns países do Leste asiático e da América Latina. Na parte empírica, tem-se a busca de dados secundários de instituições especializadas como Banco Central do Brasil (BCB), Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), Banco Mundial, Ásia Development Bank, dentre outros, com os quais se constrói um banco de dados que servirá para implementar a análise comparativa propriamente dita.

Resultados e discussão

A partir da análise realizada na presente pesquisa foi possível verificar as estratégias de inserção externa que foram adotadas em duas regiões do mundo – América Latina e Leste Asiático – e as diferentes trajetórias que foram obtidas em termos de crescimento econômico.

Beneficiados pelas políticas de desenvolvimento adotadas pelo Japão a partir dos anos 1970/80, os países denominados de tigres asiáticos (de 1^a e de 2^a geração) ingressaram em uma trajetória de dinamismo econômico, se consolidando como importantes nações no cenário internacional. Destaca-se que a Coréia do Sul foi o país que apresentou o maior crescimento no período (DE JESUS, 2007).

Como características básicas dessas economias do leste asiático vale notar que em relação às taxas de câmbio, essas nações mantiveram desvalorização de suas moedas face ao dólar, barateando suas exportações, principal fator de seu crescimento econômico. Em adição, alguns “tigres asiáticos” como Hong Kong e Singapura se consolidaram como grandes centros financeiros internacionais, com elevada entrada líquida de IED que tem grande participação no PIB desses países (WORLD BANK, 2019).

Em relação ao comércio internacional, os países do leste asiático apresentaram um aumento substancial no volume de suas exportações e importações nas últimas décadas. Tal fato é consequência da política de crescimento econômico dessas nações e de suas consolidações internacionais. Destaque-se a trajetória da China, que apresentou um crescimento contínuo no período, superando as outras economias do leste asiático e tomando a posição que foi do Japão de maior potência asiática. A crise de 1997 não afetou severamente a economia chinesa, que serviu como apoio às outras economias da região, além disso, também não foi muito impactada pela crise de 2008, embora se direcionasse nos anos posteriores a uma estratégia mais equilibrada de crescimento, incorporando o mercado doméstico. Durante o período a taxa de câmbio chinesa se manteve praticamente fixa em relação ao dólar, emergiu como um dos maiores receptores e também ofertantes de IED e com relação ao comércio internacional, a China se consolidou como um dos principais *players* no comércio mundial, particularmente após sua entrada na Organização Mundial do Comércio.

Os países latino-americanos, por sua vez, apresentaram maior volatilidade das taxas de crescimento de suas economias. Apesar do crescimento obtido ao longo do modelo de substituição de importações do segundo pós-Guerra até o fim dos anos 1970, com o fim desse modelo em 1980 e a abertura comercial e financeira dos anos 1990, os países latino-americanos se voltaram para um modelo pautado na exportação de produtos primários, mantendo uma forte dependência em relação à demanda internacional. As crises econômicas dos anos 1990 e também dos anos de 2000 desestabilizaram essas economias, a despeito do curto período de expansão nos anos 2000, com o “boom” das *commodities* (MOLINA; MIRANDA, 2011).

Nos anos mais recentes, em particular, após a crise de 2008, as economias latino-americanas voltaram a ter taxas de crescimento econômico positivas, no entanto, algumas nações foram desestabilizadas por problemas internos. Em relação à taxa de câmbio nesses países, nota-se forte instabilidade destacando-se que em alguns houve uma sobrevalorização de suas moedas face ao dólar, no entanto, com a adoção do câmbio flutuante, muitos enfrentaram períodos de desvalorização.

A entrada líquida de Investimento Estrangeiro Direto (IED) não teve grande participação no PIB desses países, no entanto, ressalta-se que essas economias apresentaram saldo positivo em relação ao ingresso líquido de IDE (WORLD BANK, 2019). Em relação ao comércio internacional, apresentaram um crescimento do valor de suas exportações e importações, no entanto, bem mais modesto em relação ao obtido pelos países asiáticos. Sobretudo, vale destacar que estão, em grande parte, atreladas aos bens primários e, especialmente no caso mexicano, ao efeito das indústrias que são apenas montadoras de partes e componentes vindos de outros países, reexportando produtos que não geraram aumento do valor agregado de suas economias – as chamadas indústrias “maquila”.

Conclusões

Conclui-se que os países latino-americanos sofreram com crises políticas internas e externas desde o século passado, além disso, o modelo de abertura e liberalização adotado após o fim da ISI nos anos 1980, fez com que essas economias se tornassem altamente dependentes da demanda internacional dada a pauta de exportações baseada principalmente em produtos primários não proporcionou o avanço da indústria doméstica, do desenvolvimento tecnológico, impedindo-as de se beneficiar do avanço da integração da economia mundial.

Por outro lado, os países do leste asiático, souberam coordenar suas políticas macroeconômicas e desenvolver sua indústria doméstica a partir da adoção do modelo de desenvolvimento regional chamado de “gansos voadores”, liderado pelo Japão e, deste modo, puderam se consolidar como potências internacionais. Em medida relevante, estiveram relacionadas à condução das políticas macroeconômicas e, particularmente, a uma estratégia para a política industrial e de comércio exterior não-tradicional, isto é, que supera a teoria das vantagens comparativas como modelo ideal de comércio internacional.

Referências

- DE JESUS, J. Desenvolvimento econômico no leste e sudeste asiático na segunda metade do século xx. **RDE-Revista de Desenvolvimento Econômico**, v. 7, n. 12, 2007.
- JANK, M. Os gansos voadores e os patos sentados. **O Estado de São Paulo**, 2005.
- MIRANDA, P. e MOLINA, N. Debt crises and austerity policies in Latin America: lessons for Europe. **The Citizen**, vol. 4, 2011.
- PALMA, G. Gansos voadores e patos vulneráveis: a diferença da liderança do Japão e dos Estados Unidos, no desenvolvimento do Sudeste Asiático e da América Latina. **O poder americano**. Vozes, p. 393-454, 2004.
- World Bank [WB]. (2019). **World development indicators**. Recuperado de data.worldbank.org/topic. Acesso em 20/05/2019.